A FILOSOFIA PRÁTICA DO HOMEM CAPAZ

NÃO BASTA SER BOM.



"Gibbor Hayil"

SILAS SIQUEIRA

LEITURA GRATUITA

O início do livro

Prólogo e abertura de
Não Basta Ser Bom, de Silas Siqueira.

Este trecho termina na porta do Capítulo 1.
O livro completo é físico, impresso, com 146 páginas.

Prólogo

A Incompetência é Imoral

Quero começar este livro com uma verdade negligenciada. Ela vai contra tudo o que nos ensinaram na escola ou no mundo moderno, mas é um dos conceitos mais importantes para o homem: A incompetência é imoral.

Você não pode proteger e prover quem ama se for incompetente. A "bondade" nas suas intenções, sem a competência de agir, é apenas potencial que não se traduz em realizações concretas.

Vivemos numa sociedade que tenta convencê-lo de que ser o "bom homem" é ser passivo. É pagar as contas, não causar problemas e esperar que o governo, a sorte ou algum atalho resolvam as crises. Eu acreditei nisso e essa crença custou caro.

Eu não escrevo este livro do alto de um pedestal. Não sou perfeito, longe disso. Eu escrevo porque conheço o sabor amargo da vergonha e da frustração.

Houve um tempo em que eu trabalhava como entregador de comidas. Era um trabalho honrado e foi o que me levou a casar

e sustentar a casa durante um ano e meio. Na busca por renda extra tentei empreender sem a estrutura necessária: abri uma copiadora onde eu entrei com o dinheiro e o meu sócio com a mão de obra.

Quando ele saiu, por problemas pessoais, eu descobri a primeira regra da competência: eu não poderia depender inteiramente de outro homem para que o meu negócio existisse. A copiadora fechou.

Fiquei com o prejuízo e com a frustração, foi aí que a tentação do atalho me seduziu.

Comecei a apostar em sites esportivos. No início, tratei aquilo com seriedade, estudando estatísticas, investindo pequeno. Comecei a ganhar. O dinheiro entrava mais rápido do que fazendo entregas, me convenci que tinha encontrado a mina de ouro.

Tomei então uma decisão, vendi a minha moto para aumentar a banca de aposta. Troquei o meu instrumento de trabalho pela sorte. Por um tempo, funcionou — Ganhei um bom dinheiro. Mas a que custo? Eu vivia no fio da navalha entre o "método" e o perigo do vício. A ansiedade era a minha companheira constante, acordava e dormia pensando em probabilidades, pressionado pelo terror de que se eu errasse a análise, não haveria comida na mesa.

Eu estava ganhando dinheiro, mas estava perdendo o sentido na minha alma. Eu olhava para o futuro e via um vazio. Se eu morresse amanhã, o que eu deixaria? Um histórico de apostas vencedoras? Ninguém constrói um legado num site de apostas. Não há honra em viver de palpites. Eu percebi que aquilo tinha

um fim em si mesmo — eu não estava construindo nada, estava apenas sobrevivendo.

Quando a sorte virou e os ganhos pararam — porque a casa sempre vence ou a mente sempre cansa —, a realidade cobrou a fatura. Eu estava sem moto, sem negócio, sem renda e, o pior de tudo, envergonhado.

Senti vergonha de estar tão aquém das minhas capacidades, de ter desperdiçado o meu tempo e intelecto num jogo de soma zero, quando poderia estar construindo algo real e com frutos para deixar.

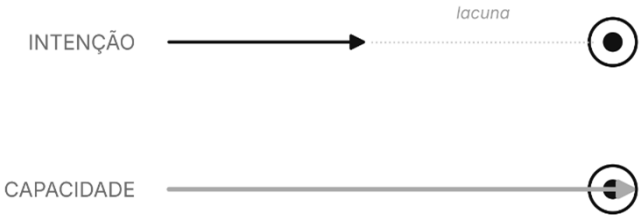
Eu e a minha esposa tivemos que recomeçar do zero absoluto, reconquistar a nossa moradia, a nossa renda e a nossa dignidade. Mas, dessa vez, eu decidi que não pegaria atalhos.

Decidi que usaria a única ferramenta que realmente liberta o homem do sistema, o Empreendedorismo Real. Hoje desenvolvo meus negócios visando um futuro estruturado. Eu olho para trás e vejo que aquele fundo do poço foi necessário. Foi lá que eu entendi que um homem só tem valor quando ele se torna capaz de resolver problemas reais, não de acertar palpites.

Este livro é o que eu gostaria de ter lido antes de vender a minha moto.

Meu comportamento anulava minhas capacidades e habilidades de gerar valor real. Me tornou um homem inofensivo — apesar de ser considerado um "bom homem", vivia fazendo o mínimo e buscando atalhos.

Neste livro vou apresentar minha filosofia pessoal, que me fez sacrificar o homem inofensivo e me tornar um homem capaz.



"A bondade sem competência
é apenas potencial."

Torne-se um Homem Capaz

Como chegamos a este ponto? Como permitimos que a definição de "bom homem" fosse rebaixada para "homem inofensivo"?

Vivemos na era da fragmentação, em que os princípios que guiavam a sociedade foram abandonados. As instituições que garantiam a ordem perderam a credibilidade. O cenário moderno é um mundo de incertezas, onde a lealdade é rara e a segurança é uma ilusão.

Diante deste cenário, a masculinidade moderna sofreu um trágico desvio.

De um lado, temos os "**Machos Alfa**", homens que entenderam que o mundo é caótico e decidiram se tornar "lobos". Corrompendo o real sentido do termo, eles usam a sua força, a sua

inteligência e o seu dinheiro apenas para consumo próprio, explorando os fracos e ignorando qualquer código de honra. A sociedade então rotula este tipo de comportamento como "masculinidade tóxica".

Mas em reação a esse extremo, a maioria dos homens "bons" cometeu o erro oposto: a **passividade**.

Com medo de também serem vistos como predadores, milhões de homens escolheram o lado oposto e castraram a sua própria capacidade de força e intervenção. Recuaram e encontraram conforto nos vícios, nos jogos, na pornografia e na irrelevância profissional. Adotaram a máxima do "não é comigo", acreditando na mentira de que, se forem inofensivos, se não ofenderem ninguém, se ficarem quietos no seu canto, o mundo os deixará em paz.

Isso é pura covardia disfarçada de moralidade.

É preciso fazer uma distinção clara, um homem que não consegue fazer mal a ninguém, porque é fraco, pobre ou covarde, não pode ser considerado pacífico. Ele é apenas **inofensivo**, a sua aparente bondade é fruto da falta de opção e competência.

Um homem que tem competência e capacidade de destruir, que tem o dinheiro para esmagar um concorrente, que tem a influência para manipular, mas escolhe voluntariamente colocar

esse poder sob o controle de uma ética rígida, este homem é verdadeiramente pacífico. A moralidade exige a capacidade de fazer o mal.

O mundo não está caindo aos pedaços por causa da força dos maus, mas por causa da fraqueza dos bons. A passividade masculina é o que alimenta a desordem. Quando você se recusa a ser forte, ter capacidade financeira e influência, você está criando um vácuo de poder e a natureza abomina o vácuo. Onde um homem bom não ocupa espaço, o mal ocupa.

Portanto, a sua busca por poder financeiro, físico e intelectual deixa de ser um ato de vaidade e torna-se um dever ético. Você precisa construir a sua capacidade não para se exibir, mas para ter munição.

O Homem Gibbor Hayil

Para deixarmos de ser inofensivos, precisamos de uma nova definição de "homem bom". A definição moderna, "aquele que não ofende ninguém e é politicamente correto", falhou. Ela produziu uma geração de homens polidos, mas impotentes diante do caos.

Precisamos de um modelo de homem mais robusto, que não apenas evite o mal, mas que tenha o peso necessário para impor o bem.

Os textos de sabedoria antiga usavam um título específico para descrever esse tipo de homem, um termo que servia como uma patente de nobreza: ***GIBBOR HAYIL***.

O termo vem das Escrituras Hebraicas e aparece repetidamente no Tanakh — o conjunto de textos que forma o Antigo Testamento — sempre para designar homens que reuniam, ao mesmo tempo, capacidade de força e recurso material.

Em Rute 2:1, é a descrição exata usada para Boaz — um homem que, no mesmo versículo, é reconhecido como possuidor de riqueza e influência, e cuja conduta ao longo do livro é de proteção, honra e intervenção decisiva.

Não era um elogio casual, era uma classificação que separava os homens funcionais dos homens decorativos.

O que chama atenção é que os hebreus antigos não precisavam separar as duas palavras — força e recurso — porque para eles eram inseparáveis por definição.

Um guerreiro sem substância era apenas um homem violento. Um homem rico sem coragem era apenas uma presa com dinheiro.

A fusão de Gibbor e Hayil num único título não era poética: era uma exigência. Só recebia o nome quem tinha os dois. É essa exigência que este livro resgata.

Este conceito é o segredo perdido da masculinidade funcional. Quando dissecamos este termo, não encontramos nada místico, mas uma referência para a construção da capacidade pessoal.

O termo é uma fusão de duas coisas que a sociedade moderna tenta desesperadamente separar, mas que são indissociáveis para o homem.

Gibbor: A Capacidade de Força

Gibbor traduz-se como "Guerreiro", "Forte" ou "Poderoso". Mas no contexto da masculinidade, o significado vai além dos músculos.

Refere-se à sua **capacidade de força**. É a força de vontade, a agressividade controlada, a competência física e a coragem de entrar em conflito quando necessário.

A sociedade moderna tem pavor do *Gibbor*. Ela tenta medicar a agressividade dos meninos e envergonhar a ambição dos homens, chamando-a de "tóxica". O resultado são homens que perderam os "dentes", a capacidade de morder.

Um homem que não tem a capacidade de ser perigoso, dizer "não" com firmeza, defender a sua posição, confrontar um homem mau ou demitir um funcionário desonesto, não é um homem virtuoso, é apenas inofensivo e este é o convite que o mal espera para entrar na sua casa.

A capacidade de agressão é a garantia de que, se a diplomacia falhar, você tem outras opções.

Hayil: Os Recursos

Enquanto Gibbor é a força, Hayil é o recurso. É a substância material e social que dá peso à sua força. Refere-se ao seu poder financeiro, rede de contatos, carreira profissional e tudo que você constrói.

Você pode ser forte e corajoso, mas se estiver falido, desempregado e isolado socialmente, faltará o Hayil. Terá a vontade de lutar, mas não passará disso por falta de recursos para concretizar o que pretende.

O homem que cultiva apenas a força física ou a atitude dominante, mas negligencia as suas finanças e a sua carreira, age como um irresponsável. Por sua incompetência, os seus sofrerão.

O Valor Real

Quando você consegue unir a força e a coragem do Gibbor com o recurso e competência do Hayil, você sacrifica o homem mínimo e se torna um verdadeiro homem de valor.

Um **Homem de Valor** é um paradoxo vivo: possui a capacidade letal de destruir, mas usa os seus imensos recursos para construir e proteger.

A verdadeira competência exige a integração da força com a capacidade de construir e mobilizar recursos. Você precisa construir a sua fortaleza pessoal sobre pilares que garantam que, quando você decidir intervir numa crise, a sua ação tenha peso no mundo real.

A intenção sem poder não faz muito efeito no mundo real. A sua ética terá mais impacto se você tiver a força para a defender e os recursos para a financiar.

Como Este Livro Funciona

Este livro tem seis movimentos que se constroem em cima um do outro. Ler na ordem é importante — cada capítulo pressupõe o que foi dito antes.

No primeiro, você vai entender o que te torna capaz. É a fundação: competência econômica, acesso e domínio técnico. Sem isso, nada do que vem depois tem peso.

No segundo, você vai aprender a ordenar o que conquistou. Poder sem ordem é uma ameaça para si mesmo e para os outros.

No terceiro, você vai aprender a ver o que os outros ignoram. A observação é o órgão dos sentidos do homem de valor.

No quarto, você vai aprender a agir sobre o que viu. Observação sem intervenção é covardia disfarçada de prudência.

No quinto, você vai entender o preço real de atravessar o portão da decisão. Todo resgate cobra em três moedas: dinheiro, paz e reputação.

No sexto, você vai fechar o ciclo — interrompendo o que foi deixado em você e fundando a linhagem que começa com o seu nome.

A conclusão amarra tudo. Ela não é um resumo, é o teste final.

AQUI TERMINA A AMOSTRA

Você conheceu o homem Gibbor Hayil. Agora é hora de se tornar um.

Os seis movimentos começam no Capítulo 1. O livro completo é físico e impresso, com 146 páginas e o Protocolo Gibbor Hayil ao final de cada capítulo.

PRÉ-VENDA · PRIMEIRA TIRAGEM DE 200 EXEMPLARES

R$ 49,90

GARANTIR MEU EXEMPLAR

Toque no botão e fale comigo no WhatsApp. Pagamento por Pix. Entrega conforme o seu CEP.